

NO CAMPO DE BATALHA OU NA DIPLOMACIA, CHANCES DA UCRÂNIA SÃO CADA VEZ PIORES

Por Stefan Wolff*



O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky (esq.) e o chanceler alemão Olaf Scholz chegam para uma reunião na chancelaria em Berlim, Alemanha (Free Malaysia Today/AP).

Não houve progresso no levantamento das restrições ao uso de armas ocidentais em território russo, enquanto a perspectiva de a Ucrânia aderir à OTAN continua remota.

Em maio de 2023, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, embarcou em uma excursão relâmpago pelas capitais europeias para angariar apoio de seus parceiros ocidentais na preparação para a ofensiva de verão da Ucrânia naquele ano. Sua excursão foi um sucesso relativo – a ofensiva subsequente nem tanto.

Avançando 18 meses, Zelensky mais uma vez visitou Londres, Paris, Roma e Berlim em busca de apoio ocidental. Desta vez, ele buscou apoio para seu plano de vitória. Mas as probabilidades agora estão claramente contra a Ucrânia no campo de batalha. E Zelensky também enfrenta uma luta árdua na frente diplomática.

O plano inicial para Zelensky e seus aliados era se reunir em uma reunião do grupo Ramstein. Esta é a configuração solta de cerca de 50 países que apoiaram os esforços de defesa da Ucrânia desde o início da agressão russa em larga escala em fevereiro de 2022.

Com o presidente dos EUA, Joe Biden, programado para comparecer após uma visita de estado à Alemanha, a reunião na base aérea de Ramstein, na Alemanha,

foi lançada no nível de chefes de estado e governo. Esperava-se que houvesse alguns grandes anúncios de apoio contínuo à Ucrânia.

Mas com o furacão Milton programado para atingir a Flórida, Biden foi forçado a cancelar sua viagem. Embora a visita de Biden à Alemanha tenha sido aparentemente remarçada para 18 de outubro de 2024, a reunião de Ramstein continua adiada.

Isso privou o presidente ucraniano da chance de lançar seu plano de vitória para seus aliados mais importantes. Portanto, ele não conseguiu fazer com que eles se comprometam com o apoio que será necessário para implementá-lo.

Ainda não se sabe muito sobre o plano de vitória ucraniano. Pelo que foi divulgado ou vazado, parece se resumir a cinco demandas principais.

Zelensky quer um caminho acelerado para a adesão à OTAN. Ele também está pedindo uma zona de exclusão aérea imposta pela OTAN sobre o oeste da Ucrânia e mais sistemas de defesa aérea para o país proteger melhor os próprios céus.

Outros elementos-chave do plano envolvem permissão para usar mísseis de longo alcance fornecidos pelo Ocidente contra alvos nas profundezas da Rússia, a entrega de mísseis balísticos alemães Taurus de longo alcance e investimentos significativos na indústria de defesa da Ucrânia.

A maioria dessas demandas não é aceita nas capitais ocidentais. Isso já ficou claro durante a recente viagem de Zelensky a Nova York e Washington em meados de setembro.

O presidente ucraniano conseguiu que seu homólogo americano autorizasse US\$ 8 bilhões em mais assistência de segurança. Mas não houve progresso em suspender as restrições que os EUA e outros aliados estão colocando no uso da Ucrânia de ajuda militar ocidental contra território russo.

A aliança ocidental continua dividida sobre isso. E os EUA são particularmente céticos quanto ao seu valor estratégico.

Da mesma forma, a perspectiva da Ucrânia se juntar à OTAN continua remota – até porque exigiria o consentimento de todos os 32 estados-membros atuais. O primeiro-ministro eslovaco, Robert Fico, declarou abertamente que vetará a adesão da Ucrânia à aliança. Seu colega húngaro, Viktor Orbán, também é bem conhecido por sua oposição à adesão de Kiev à aliança.

Mais prejudicial às aspirações da Ucrânia à OTAN, no entanto, é uma relutância semelhante em Washington e Berlim. Isso foi fundamental para garantir que as duas cúpulas mais recentes da OTAN em Vilnius em 2023 e Washington em 2024 apenas reafirmassem que *“o futuro da Ucrânia está na OTAN”*, mas não conseguiram anexar a isso um cronograma claro.

OS ALIADOS DE KIEV PRECISAM DOBRAR A APOSTA – AGORA

No final de sua reunião com o chanceler alemão, Olaf Scholz, em 11 de outubro, Zelensky garantiu outros € 1,4 bilhão em defesas aéreas, tanques, drones e artilharia, a serem entregues em conjunto pela Alemanha, Bélgica, Dinamarca e Noruega.

Mas os mísseis balísticos Taurus – no topo da lista de compras de Kiev – não estão incluídos neste pacote. Embora previsível, isso foi uma grande decepção para Zelensky. Assim como o fato de que ele essencialmente saiu de mãos vazias de suas reuniões em Londres, Paris e Roma.

Não há indicação de que qualquer um desses principais aliados provavelmente retirará seu apoio. Mas é igualmente claro que eles não estão preparados para aumentá-lo decisivamente.

Isso também ficou evidente durante a visita a Kiev do novo secretário-geral da OTAN, Mark Rutte, em 3 de outubro. Rutte viajou para a Ucrânia poucos dias após assumir o papel para reiterar a continuidade do apoio da aliança. Mas por mais simbolicamente importante que isso fosse, ele apenas confirmou o que já havia sido acordado em vez de anunciar algo novo.

A União Europeia (UE) se saiu marginalmente melhor. Em 10 de outubro, foi anunciado que o bloco estava pronto para estender o programa de treinamento para tropas ucranianas até o final de 2026. A missão foi lançada em novembro de 2022 e treinou cerca de 60.000 tropas até o momento. Isso é cerca de metade de todos os soldados ucranianos treinados no exterior – e três vezes o número que recebeu treinamento dos EUA.

A ajuda geral da UE à Ucrânia agora é de € 162 bilhões desde o início da guerra em 2022, em comparação com € 84 bilhões dos EUA. Dois terços da ajuda dos EUA são de natureza militar e, com quase € 57 bilhões até o momento, ofusca as contribuições da Alemanha e do Reino Unido, os dois maiores doadores com cerca de € 10 bilhões cada.

Esses são números impressionantes e não há dúvidas de que a Ucrânia teria perdido essa guerra há muito tempo sem o apoio de seus aliados ocidentais. No entanto, o fato é que o que os parceiros ocidentais da Ucrânia atualmente fornecem mal é suficiente para evitar uma derrota ucraniana, muito menos permitir que a Ucrânia implemente seu plano de vitória.

Vladimir Putin tem consistentemente aumentado o esforço de guerra de seu país para enfrentar quaisquer desafios apresentados ao longo do conflito. A menos que o Ocidente dobre seu apoio para permitir que Kiev faça o mesmo, a Ucrânia não só não vencerá esta guerra, como corre sério risco de perdê-la.

A reunião de alto nível planejada para Ramstein teria sido a oportunidade para o Ocidente mudar de marcha decisivamente. A Ucrânia só pode esperar que seu adiamento, em vez do cancelamento total, signifique que seus aliados ainda possam se mobilizar.

Publicado no [The Conversation](#).

**Stefan Wolff é um administrador e tesoureiro honorário da Political Studies Association do Reino Unido e pesquisador sênior do Foreign Policy Centre em Londres.*
